

# O homem idoso: *um corpo abjeto*

Gabriel de Oliveira Rodrigues

Docente do IFMT.  
Doutorado em Linguística pela Unicamp.  
Mestrado em Comunicação pela USP.  
Licenciatura em Letras pela FURG.  
E-mail: gaboli@uol.com.br

Recebido: 09 out. 2018

Aprovado: 12 dez. 2018

**Resumo:** Na sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997), a quase onipresença do corpo masculino que ostenta virilidade em exibições públicas nos mundos do entretenimento, da propaganda e do esporte naturalmente causa a exclusão dos corpos que não correspondem à lógica viril. O corpo idoso, pela perda da robustez, do belicismo e da potência sexual, é um excluído viril socialmente posicionado num campo de inexistência, como corpo abjeto. E a tecnologia está de olho.

**Palavras-chave:** Idoso. Corpo abjeto. Virilidade.

**Abstract:** In the society of spectacle (1997), by Guy Debord, the almost omnipresence of the masculine body that bears manhood in public displays on the worlds of entertainment, propaganda and sport naturally causes the exclusion of bodies that do not correspond to virile logic. The old body, by the loss of robustness, warmongering and sexual potency, is a socially virile excluded from a field of non-existence, as an abject body. In addition, technology is watching.

**Keywords:** Elderly. Abject body. Virility.

**Resumé:** En la sociedad del espectáculo de Guy Debord (1997), la casi omnipresencia del cuerpo masculino que ostenta virilidad en exhibiciones públicas en los mundos del entretenimiento, de la propaganda y del deporte naturalmente causa la exclusión de los cuerpos que no corresponden a la lógica viril. El cuerpo anciano, por la pérdida de la robustez, del belicismo y de la potencia sexual, es un excluído viril socialmente posicionado en un campo de inexistencia, como cuerpo abyecto. Y la tecnología está de ojo.

**Palabras clave:** Ancianos. Cuerpo abyecto. Virilidad.

Um homem não tendo entre as pernas mais do que uma bica de carne enrugada, lá mesmo onde ele outrora possuía um órgão sexual em perfeito estado, equipado pelo controle esfinteriano da bexiga, aquele de um macho adulto robusto. O instrumento outrora rígido da procriação não era no presente mais do que um pedaço de mangueira, como se vê às vezes sair de um campo, um pedaço de mangueira desprovido de direção que larga de tempo em tempo seu jato em golpes bruscos, cuspidando água sem nenhuma utilidade até que venha o dia em que alguém se lembrará finalmente de dar à válvula a virada suplementar na chave que interromperá definitivamente essa porcária de serviço  
(ROTH, 2010, p. 109)

É dessa forma que o escritor americano Phillip Roth (2010) descreve uma personagem em sua literatura, dedicada ao fenômeno moderno do calvário da virilidade. Em um mundo inundado pela multiplicação agressiva de imagens da exibição de corpos viris na publicidade, na arte, nos espetáculos esportivos e de entretenimento, o macho de hoje encontra-se na obrigação de ostentar sua posição pela construção, manutenção e exibição de um corpo viril. Quando da perda deste, caso da personagem descrita acima, o calvário se faz findo, e a vida do macho.

Tal corpo pode remontar aos aspectos mais que milenares de virilidade para gregos e romanos, especialmente nos ideais anatômicos do guerreiro militar, do cidadão útil à sociedade, mas imprescindivelmente na posse de um órgão genital sexualmente funcional, que o permita desempenhar a posição de penetrante em uma relação sexual. Na sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997), a quase onipresença do corpo masculino que ostenta virilidade em exibições públicas nos mundos do entretenimento, da propaganda e do esporte naturalmente causa a exclusão dos corpos que não correspondem à lógica viril. O corpo idoso, pela perda da robustez, do belicismo e da potência sexual, é um excluído viril socialmente posicionado num campo de inexistência, como corpo abjeto. E a tecnologia está de olho.

A proposta deste texto é apresentar como corpos que nasceram com o órgão genital masculino e que fogem à performatividade deles esperada sofrem, pelo processo da idade, um processo que os torna “corpos abjetos”.

## **A performatividade**

A filósofa americana Judith Butler (2010), conhecida teórica dos estudos de gênero, desenvolveu uma importante definição para compreendermos parte do comportamento humano acerca da sexualidade: a performatividade. O conceito engloba o conjunto de práticas e discursos que se repetem, construindo realidades socialmente reconhecidas como “normais”. Todos nascemos em um mundo performativo quanto ao gênero – desde bebês já há à disposição um conjunto de roupas, brinquedos, cores e atitudes convencionados como “de meninos e de meninas”.

Assim, vivemos em uma matriz cultural já definida, que espera de nós determinadas ações performativas, de acordo com nosso gênero. Essa matriz cultural recebe o nome de heteronormatividade – ou a norma heterossexual, a que indica o normal, uma matriz de inteligibilidade cultural, segundo Butler (2010).

Ou se nasce menino, ou se nasce menina, e essa classificação, via de regra, leva unicamente em consideração o órgão sexual com o qual a criança nasceu. Ao longo de toda a vida, a pessoa será socialmente “encaixada” nesse binário. E, sendo cobrada por uma performatividade socialmente aceita na lógica menino/menina, homem/mulher, macho/fêmea.

Essa ideia simples predetermina uma complexa cadeia simbólica, que se alastra pela vida social do sujeito da forma mais amplamente imaginada. E, naturalmente, qualquer processo de normatização produz exclusão, ou aqueles que não se encaixam na norma. Aqui podemos encaixar socialmente os corpos da população T, que na sigla de sopa de letrinhas que designa a diversidade sexual identifica travestis, transexuais e transgêneros. O corpo T subverte a binariedade masculino/feminino, não encontrando seu espaço na performatividade heteronormativa na qual nossa cultura está envolta. Este “não-lugar” do corpo T costuma causar seu efeito de sentido como corpo abjeto.

O corpo do homem idoso, que não mais exhibe a virilidade de outrora, torna-se alvo do apagamento desta mesma matriz cultural, incapaz que é de sustentar/ostentar a performatividade da juventude.

## **O corpo idoso**

Seguindo a lógica da seleção natural, envelhecemos porque o que acontece com o ser após sua idade fértil não faz diferença para o futuro da espécie na natureza. Esse processo ocorre com todos os animais, incluindo o bicho-homem. A perda da energia após a idade reprodutiva não prejudica a espécie. Ao contrário, pode até ser benéfica a ela. Em ambientes com alimento escasso, quem já passou da idade fértil representa mais competição pela sobrevivência. A natureza – em sua sabedoria que não necessariamente condiz com a nossa – privilegiou as espécies cujos integrantes sem papel biológico preponderante deixam de existir assim que finda suas atividades.

Por mais que os humanos tenham passado pelos longos e demorados processos civilizatórios para erguerem a sociedade que hoje nos rodeia, fortes traços do bicho-homem *in natura* podem ser observados nos comportamentos sociais.

O nascimento da noção de virilidade como a conhecemos, segundo a trilogia *História da virilidade* (COURTINE, 2012), deu-se na antiga Grécia, a partir do surgimento do termo *andreia*, que designava “ser um homem” (*andros*, termo mais específico que o genérico *antropos*, que remete a humano), centrando seu aspecto semântico na característica da coragem física. Para os gregos, segundo Maurice Sartre (2012, p. 21), “a guerra e a política oferecem ocasião de manifestar sua *andreia*, mas esta também se manifesta em outros domínios”. Continua o autor apontando que “a capacidade de impor seu desejo sexual” está incluída na construção do “ser um homem” (SARTRE, 2012, p. 21).

O universo do romance grego encontra no exercício do poder da ostentação da virilidade, que em muito deve ser estruturada sobre uma anatomia física exuberante, condizente com a posição de dominador. Como o herói Teágenes, “largo de tórax e de ombros, mantém a cabeça erguida e orgulhosa, acima dos outros, e domina a todos do alto de seu enorme corpo”. Os romances gregos, em geral, transformam heróis adolescentes à idade adulta, caminho que trilham e no qual “acabam adquirindo os três sinais da virilidade: a glória das armas, uma mulher legítima, o poder. Pois é natural que cada qual se esforce na valorização do mais belo presente que a natureza pode acordar a um ser humano: fazê-lo homem” (SARTRE, 2012, p. 70). E poder aproveitar a chance que significava nascer homem na Grécia Antiga e, acima de tudo, tornar-se homem viril, mesmo com todos os esforços requeridos para tanto.

A virilidade grega incluía ser cidadão na acepção larga do termo: com os aspectos semânticos do guerreiro, do político e do sexualmente ativo, este último obrigando o cidadão viril a possuir um pênis sexualmente funcional.

Assim como para os gregos, para os romanos a virilidade inclui a robustez física militar aliada a um pênis sexualmente funcional. Jean-Paul Thuillier (2012) apresenta todo o complexo jogo de palavras e representações a partir do termo latino *vir* (homem), e suas conexões com *virilitas* (o órgão sexual, aquilo que se encontra entre as virilhas) e *virtus* (termo ligado às virtudes associadas a ser um homem em Roma).

A funcionalidade dos órgãos genitais também é algo fundamental para a virilidade romana, diferenciando o homem do garoto e do idoso. O termo *virilitas*, ligado ao *vir*, designa o órgão genital em si, literalmente aquilo que está entre as virilhas. “Estamos, portanto, diante do homem romano chegado à maturidade plena, e não mais diante de um adolescente molenga, nem de um velho doentio”, apontando de forma específica para o papel da funcionalidade da genitália: “um verdadeiro homem fisiologicamente desenvolvido, não um *semivir*, meia-bomba, alguém que a natureza dotou de todos os órgãos masculinos, em pleno funcionamento” (THUILLIER, 2012, p. 81), excluindo, desse modo, a pessoa do sexo masculino com qualquer problema físico que afetasse as funções sexuais dos órgãos genitais. Apenas o homem sexualmente funcional na posição ativa tinha condições de ser o pleno cidadão romano.

A virilidade romana é construída sobre um tripé de funcionalidade genital, aspecto físico e domínio das emoções, raízes que indicam claramente valores basilares de uma virilidade presente especialmente em algumas culturas latinas contemporâneas. O corpo robusto, belicista e viril naturalmente diminui a concentração desses atributos milenarmente valorizados com o processo de envelhecimento. A divisão da vida em períodos etários é uma biopolítica que serve para, dentre outras coisas, controlar a espécie (FOUCAULT, 1988).

A juventude é a faixa de maior valor imaginário para a atualidade, como significado de força, beleza, consumo, produtividade, esperteza e tantos outros atributos positivos. A busca pela eterna juventude move hordas a estilos de vida, procedimentos médicos e consumos dos mais variados. A adolescência parece se estender para depois dos 20 anos. A superexposição de corpos jovens, magros, sarados em mídias comerciais, esportivas e de espetáculo cria, paralelamente, um horror à velhice, que deve ser escondida e/ou negada e que se torna uma afronta aos atributos socialmente valorizados.

O chamado “culto ao corpo” gera um poder não apenas financeiro, mas também cultural, impondo um processo de exclusão dos corpos que não devem ser cultuados. O

corpo masculino que não é viril não atrai. Seu apagamento é o mais próximo que se pode chegar de sua inexistência, corpo abjeto que é.

Os sinais do corpo que vão de encontro ao arcabouço, indicado aqui, e podem ser interpretados como marcas da velhice, são estigmas carregados os quais marginalizam à invisibilidade. Não são corpos consumíveis.

Tais marcas corporais são comumente ligadas ao psíquico: um corpo decadente possui uma mente decadente, com valores ultrapassados, experiências caducas e incapazes de produzir qualquer novidade para o mundo antenado, globalizado, digital. A pessoa idosa não é “da hora”, pois sua hora já passou. “O mundo é dos jovens”.

O sistema valoriza o tempo de produção e do consumo, que anda muito rápido! O mesmo sistema desvaloriza o passado, a história, a memória e sua materialidade presente. As biopolíticas da sociedade de controle não comportam planejamentos de velhice, culturalmente associada à decadência física e à iminente morte.

Um leve contramovimento parece agora surgir a partir desse sistema, não por uma mudança da mentalidade, mas pelo inegável aumento numérico de idosos, com os avanços médicos que têm permitido alongar a vida média por mais tempo. Com isso, a biopolítica busca normatizar esses indivíduos por meio de padrões de consumo e de comportamento, alçando a velhice ao status de uma categoria social.

Mas, o idoso comumente não se encaixa no padrão idealizado pela sociedade contemporânea. Dentre outros motivos, o homem idoso não ostenta o mesmo corpo viril da juventude. O tripé da virilidade romana: domínio, robustez física e genitália funcional, naturalmente, vai se apagando do corpo idoso, que perde seu valor no mercado das trocas imaginárias. E o sistema, tendo essa visão, age para que os idosos não se sintam assim.

Num movimento artificial de inclusão, esses indivíduos são tratados para serem dominadores, robustos e sexualmente ativos, quase como uma exigência social, para que não precise ostentar um corpo abjeto. As palavras de ordem são: agilidade, adaptabilidade e individualidade.

O corpo idoso sofre um apagamento social. Sem a performatividade da juventude, não aparece exposto em propagandas. Não vende. Não é mentalmente co(nsu)mido. O corpo idoso é coberto quando aparece: coberto pela roupa, ou pelo procedimento cirúrgico para conceder-lhe aparência de outra coisa que não o que ele é.

Na sociedade da imagem, não enxergamos o corpo idoso. Ele praticamente não existe, e essa condenação à inexistência é a condição primordial do corpo abjeto.

## O abjeto

A abjeção é mais profunda que o preconceito: para este, é preciso reconhecer a existência do diferente para, então, diminuí-lo e, assim, poder tratá-lo como menos merecedor de reconhecimento. Na abjeção o status do outro é o “não poder existir”. O corpo abjeto é aquele que não pode existir dentro da matriz cultural. E o que não pode existir não deve ser estudado, refletido, nomeado. De forma mais direta:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2010, p. 155).

A abjeção inclui os corpos cuja vida não é considerada uma vida: sua materialidade não é importante. E é no discurso que a abjeção é construída, principalmente por meio do apagamento, do não dizer, do território proibido, do indizível, daquilo sobre o que ninguém quer falar. Quando impossível apagar, o discurso trata tais corpos com uma “distância do eu”, sempre salientando que são corpos inviáveis, que pertencem à noite, à margem, que não são (devem ser) vistos à luz do dia nos passeios públicos das pessoas de bem, nem acessíveis aos olhos do cidadão comum.

No caso do corpo idoso, a abjeção se impõe pela sua invisibilidade na sociedade da imagem, bem como pela pressão de base biopolítica exercida para que esses indivíduos retardem e/ou disfarcem ao máximo possível sua condição, em boa parte das vezes sem se preocupar necessariamente com sua qualidade de vida, mas sim com que tipo de corpo será apresentado para o consumo social. Exige-se desses corpos uma performatividade jovem, ou de “aspecto jovial”, por mais que esses corpos não mais sustentem tal condição. E, para permitir o alcance dessa performatividade, o mercado se desdobra em oferecer soluções para fazer com que o corpo idoso não ostente socialmente um aspecto abjeto.

No caso das sexualidades desviantes, a abjeção se impõe em menor grau para aqueles que, mesmo com comportamento fora da norma, ostentam uma performatividade mais dentro das regras (o gay discreto, a lésbica feminina). Em aplicativos de relacionamentos gays, um discurso praticamente padrão nas

autodescrições dos perfis dos usuários é a do gay “discreto, não assumido, fora do meio, etc”, indicando que, apesar de manter uma prática que foge à regra heteronormativa, pelo menos na performatividade para o social a heteronormatividade está garantida. São homens que se comportam como homens, e mulheres que se comportam com mulheres, ostentando perante a sociedade todo o arcabouço de gestos, valores e perspectivas que se espera da pessoa que biologicamente nasceu dentro daquele gênero binário.

### **Tecnologia *antiidade***

Nosso corpo foi forjado há dezenas de milhares de anos, quando os humanos mais fortes e saudáveis mal atingiam os 30 anos de idade. A morte vinha por acidentes, predadores ou mesmo por doenças sem muitos meios para combatê-las. O desenvolvimento de tecnologias permitiu a elevação da nossa expectativa de vida hoje para bem além da idade reprodutiva. A velhice, a degeneração que enfrentamos após os 30 anos, é um processo que surgiu com o desenvolvimento científico permitido pela civilização, sem papel marcante da seleção natural.

Assim, algum cromossomo nosso deve nos levar a pensar que nada mais natural do que parecer ter menos de 30 anos. E isso reflete num dos principais desejos da humanidade: ter uma aparência sempre jovem e saudável.

Exibir pele bonita e vistosa, porte robusto de um soldado pronto para a guerra, um pênis que desempenhe seu papel de “penetrador” do corpo daqueles que lhe são subjugados, exigências feitas a corpos masculinos viris. O natural processo de envelhecimento humano vai minando todo esse semblante e desempenho.

Para tentar prevenir, ou até mesmo adiar este inevitável processo, o mercado da estética oferece uma gama interminável de produtos e serviços que prometem retardar o envelhecimento utilizando as mais variadas técnicas e prometendo resultados milagrosos. Há as chamadas tecnologias não invasivas, como lasers, luz intensa pulsada, radiofrequência e ultrassom focalizado de alta intensidade. O objetivo de tudo isso é causar alterações na derme e trazer de volta aparência mais jovial. Tecnologias mais invasivas incluem procedimentos cirúrgicos com implantes e retiradas dos mais inusitados.

Medicamentos garantem resultados de manutenção de potência física para as lidas do cotidiano, incluindo o sexo. Neste mundo, problemas com ereção e ejaculação

precoce já parecem não mais fazerem parte da realidade. Clínicas médicas e profissionais especialistas apresentam-se como dedicados inteiramente a este segmento e, dada sua proliferação no mercado, o negócio parece promissor.

Os anúncios desses produtos e serviços sempre associam essas características a homens que, mesmo maduros, mantêm performances joviais nos aspectos social, profissional, esportivo, ostentando uma vida bem-sucedida por meio da (re)aquisição e/ou manutenção de um corpo com aspecto e funcionalidade jovens. É a tecnologia a serviço dos homens que podem pagar por ela, esperando como resultado um envelhecimento que não se manifeste. O desenvolvimento de tecnologias que visam ao rejuvenescimento busca, de alguma forma, suprir essa necessidade de não ser velho, ou de pelo menos não parecer ser velho, algo tão ou mais importante na sociedade do espetáculo.

## Conclusão

Este texto não tem a ousadia de apresentar todos os pontos possíveis acerca da temática, e muito menos de encerrar suas discussões por aqui. Assumindo como ponto de partida a virilidade como performatividade padronizada no mundo ocidental desde gregos e romanos, e com aspectos imagéticos ainda mais exacerbados na nossa contemporânea sociedade do espetáculo, este texto exhibe o corpo idoso masculino como abjeto, dissonante da lógica vigente, por não ostentar a *virilitas* greco-romana. Essa dissonância cria, dentro de suas peculiaridades, os corpos abjetos.

O corpo idoso não ostenta a *virilitas* dada sua perda em decorrência da idade. Este corpo passa por um processo de apagamento social, desaparecendo do espetáculo visual da contemporaneidade. Mas tem sido lembrado como nicho comercial, movimentando o consumo de produtos e serviços que trariam a este corpo um aspecto mais consumível, menos abjeto.

Seja o corpo idoso, ou um que exponha qualquer outra característica que o torne socialmente alvo do processo social de abjeção, este corpo está fadado ao apagamento, à inexistência, ao silenciamento, pois a humanidade em geral ainda não deu conta de evoluir a ponto de conviver com o que não se encaixa nas várias caixas simbólicas que ela mesma criou para imaginariamente tentar compreender o mundo que a rodeia, do qual ela faz parte e ao qual ela tanto agride.

Há várias pesquisas, em andamento, que buscam a descoberta de tratamentos ou remédios que retardem, parem ou revertam o processo de envelhecimento. Tais pesquisas costumam enfrentar uma grande barreira: a comprovação científica da eficácia em humanos, dada a diversidade de hábitos que afetam as variáveis que interferem no tempo de vida. O método científico é rigoroso. As respostas obtidas, até o momento, neste campo, são vagas e a pressão midiática e social é constante e cruel. Como Roth (2010) afirmava, o macho de hoje vive um calvário para manter sua masculinidade.

### Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. (dir.) **História da virilidade**. V. 3. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ROTH, Phillip. **Exit ghost**. New York: Houghton Mifflin, 2010.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: VIGARELLO, Georges. (dir.) **História da virilidade**. Vol. 1. A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2012.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*. In: VIGARELLO, Georges. (dir.) **História da virilidade**. V. 1. A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2012.